

'Brasil 2001/2' e as previsões econômicas

Rubens
Penha
Cysne

Brasil 2001 e Brasil 2002 são títulos de dois livros publicados por Mario Henri-que Simonsen, res-

pectivamente, em 1968 e 1972. Tais livros comentam algumas projeções efetuadas para o Brasil, em 1967, relativas ao ano de 2001. Nesta virada de ano, em que proliferam projeções dos mais variados tipos, revejo aqui alguns pontos de tais análises. Fica clara a necessidade de encarar com a devida reserva qualquer exercício de futurologia econômica.

Em 1967, o Instituto Hudson, nos Estados Unidos, publicou o livro *Ano 2000 - Um Arcahouço para Especulação sobre os Próximos Trinta e Cinco Anos*, de Herman Kahn e Anthony J. Wiener. O estudo, prolixo, previa desde a evolução do sistema político internacional até a renda per capita de vários países fora do eixo dos industrializados o

causa dos dois livros de Mario Simonsen acima citados. Simonsen reconheceu o caráter especulativo da obra do Instituto Hudson, em consonância com a proposta dos autores. Isto posto, sua estratégia foi utilizar o exercício de futurologia de Kahn e Wiener para mostrar que algo deveria ser feito no sentido de se invertirem as tendências previstas de empobrecimento relativo do Brasil.

Simonsen enumerou cinco grandes problemas nacionais a serem resolvidos nos 35 anos que se seguiriam às previsões do Instituto Hudson: necessidade de fortalecimento da poupança interna, treinamento de recursos humanos, contenção da explosão demográfica, expansão das exportações e, por último, racionalidade econômica e administrativa.

Alguns dos problemas listados por Simonsen naquela época são ainda bastante atuais hoje em dia, outros, não. O cardápio modificou-se um pouco. Quase não se fala mais, por exemplo, em "problema do crescimento demográfico". Por outro lado, permanece a necessidade de elevar a absorção dos ganhos de comércio, de fortale-

postos e mais investimentos públicos). Novos problemas, por outro lado, se incorporaram à discussão do cotidiano nacional: incerteza jurídica (que explica mais do que a metade do spread bancário médio de 40% existente em 2004, por exemplo) e violência urbana, este um problema crescente e talvez o mais urgente no momento.

O mote principal da análise de Simonsen centrava na previsão, efetuada por Kahn e Wiener, a respeito da elevação contínua da relação entre a renda per capita americana e a brasileira - em 1965, esta era da ordem de 12,7 para 1. Kahn e Wiener previram, para 2000, um agravamento dessa diferença, chegando à razão de 20,1 para 1. A projeção dos dados brasileiros encerrava um crescimento médio anual de 4,5% para o produto e de 2,74% para a população.

A relação entre rendas per capita Brasil-Estados Unidos não se agravou como se previa. Ao contrário, reduziu-se. Passou de uma relação de 12,7 para 1, em 1965, para a nova, de 9,2 para 1, em 2000 (ao contrário dos 20,1 para 1 previstos). Simonsen apresentou (*Brasil 2001*, página 29) como uma pro-

1965. Ficou mais perto do que ocorreu.

Roberto Campos, em seu texto *Simonsen, um Matemático Humanista*, publicado pela *Revista Brasileira de Economia* em 1998, referiu-se à ironia utilizada por este autor em seus escritos como "ironia com penas de avestruz, e não com punhais florentinos, mais devolvida aos conceitos do que aos preconceitos".

Talvez um exemplo do que diz Campos possa ser dado pelos três comentários finais com os quais Simonsen fechou *Brasil 2001 e Brasil 2002* - "Especulações de longo prazo, até hoje, das duas uma: ou se reduziram a trivialidades, ou foram desmentidas pelos fatos" (*Brasil 2002*, página 26); ou "ser futurologo é, antes de mais nada, uma questão de coragem de afirmar" (*Brasil 2002*, página 15); ou ainda "economia é a ciência que justifica, no presente, porque suas previsões para o futuro deram errado no passado" (*Brasil 2001*, página 12). ●

Rubens Penha Cysne, professor da EPGE/FGV, é visiting scholar do Departamento de Economia da Universidade de Chicago. Home page: <http://www2.fgv.br/>